

S O L O M O N
N O R T H U P

Doze anos
de Escravidão

*Narrativa de um cidadão de Nova York
sequestrado em Washington em 1841
e resgatado em 1853 de uma plantação de algodão
perto do rio Vermelho, na Louisiana.*

Tradução de
CAROLINE CHANG

Posfácio de
HENRY LOUIS GATES JR.



Copyright do posfácio © Henry Louis Gates, Jr., 2014.

Publicado mediante acordo com a Penguin,

membro do Penguin Group (USA) LLC,

uma empresa da Penguin Random House Company.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Penguin and the associated logo and trade dress are registered and/or unregistered trademarks of Penguin Books Limited and/or Penguin Group (USA) Inc. Used with permission.

Published by Companhia das Letras in association with
Penguin Group (USA) Inc.

TÍTULO ORIGINAL

Twelve Years a Slave

PREPARAÇÃO

Lígia Azevedo

REVISÃO

Jane Pessoa

Valquíria Della Pozza

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Northup, Solomon, 1808-1863.

Doze anos de Escravidão / Solomon Northup ; tradução de Caroline Chang — 1^a ed. — São Paulo : Penguin Classics Companhia das Letras, 2014.

Título original: *Twelve Years a Slave*.

ISBN 978-85-63560-89-6

1. Africano-americanos — Biografia 2. Escravidão — Louisiana — História — Século 19 3. Escravos — Estados Unidos — Biografia 4. Escritos de escravos americanos 5. Northup, Solomon, 1808-1863? 1. Gates Jr, Henry Louis. II. Título.

14-01077

CDD-306.362092

Índice para catálogo sistemático:

1. Northup, Solomon : Escravidão : Sociologia : Biografia
306.362092

[2014]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORIA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500 Fax: (11) 3707-3501

www.penguincompanhia.com.br

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

Introdução — David Wilson	7
DOZE ANOS DE ESCRAVIDÃO	9
<i>Posfácio — Henry Louis Gates Jr.</i>	259

Doze anos de Escravidão

*Narrativa de um cidadão de Nova York
sequestrado em Washington em 1841
e resgatado em 1853 de uma plantação de algodão
perto do rio Vermelho, na Louisiana.*

É uma coincidência singular que Solomon Northup tenha sido levado a uma plantação na região do rio Vermelho — a mesma em que serve o Pai Tomás —, e sua descrição da fazenda e do modo de vida ali, e alguns incidentes que ele relata, fornecem um paralelo sem igual à minha história.

Key to Uncle Tom's Cabin
[CHAVE PARA A CABANA DO PAI TOMÁS]

I

Tendo nascido um homem livre, por mais de trinta anos gozado da bênção da liberdade em um estado livre e sido, ao final desse período, sequestrado e vendido como escravo, assim permanecendo até ser felizmente resgatado no mês de janeiro de 1853, após uma servidão de doze anos, foi sugerido que um relato de minha vida e de minhas desventuras não seria desprovido de interesse para o público.

Desde meu retorno à liberdade não deixei de perceber o crescente interesse nos estados do Norte quanto ao assunto da escravidão. Trabalhos de ficção prometendo retratar suas características mais amenas, bem como as mais repugnantes, circularam de forma sem precedentes e, a meu ver, criaram um tópico rico para comentários e discussões.

Posso falar sobre a escravidão apenas na medida em que foi por mim observada — apenas na medida em que a conheci e vivenciei em minha própria pessoa. Meu objetivo é dar uma declaração simples e verdadeira dos fatos: repetir a história de minha vida, sem exageros, deixando para outros determinarem se as páginas da ficção apresentam um retrato de uma maldade mais cruel ou de uma servidão mais severa.

Tanto quanto fui capaz de recuar no tempo e aferir, meus ancestrais do lado de meu pai foram escravos em Rhode Island. Eles pertenciam a uma família que levava o nome de Northup. Um membro dessa família mudou-se

para o estado de Nova York e estabeleceu-se em Hoosic, no condado de Rensselaer. Ele levou consigo Mintus Northup, meu pai. Quando da morte desse cavalheiro, que deve ter ocorrido cerca de cinquenta anos atrás, meu pai se tornou livre, tendo sido alforriado por uma orientação em seu testamento.

Henry B. Northup, cavalheiro de Sandy Hill, distinto advogado e a quem, graças à Providência, devo minha atual liberdade e o retorno ao convívio de minha mulher e de meus filhos, é aparentado da família que meus ancestrais serviam e da qual tomaram emprestado o nome que ora uso. A esse fato pode ser atribuído o interesse persistente que ele teve por mim.

Algum tempo após sua libertação, meu pai se mudou para a cidade de Minerva, no condado de Essex, Nova York, onde nasci, no mês de julho de 1808. Quanto tempo permaneceu nesse lugar é algo que não tenho como determinar com certeza. De lá, ele se mudou para Granville, no condado de Washington, perto de um lugar chamado Slyborough, onde, por alguns anos, trabalhou na fazenda de Clark Northup, parente de seu ex-senhor, de onde se mudou para a fazenda Alden, na rua Moss, pouca distância ao norte da aldeia de Sandy Hill; e de lá para a fazenda de Russel Pratt, situada na estrada que leva de Fort Edward para Argyle, onde continuou a residir até sua morte, que ocorreu no dia 22 de novembro de 1829. Deixou uma viúva e dois filhos — eu e Joseph, meu irmão mais velho. Este ainda mora no condado de Oswego, perto da cidade de mesmo nome; minha mãe morreu durante meu cativeiro.

Embora nascido escravo e tendo trabalhado sob as desvantagens às quais minha infeliz raça é submetida, meu pai era um homem respeitado por sua engenhosidade e integridade, conforme muitos que ainda vivem e que bem dele lembram estão dispostos a testemunhar. Toda sua vida foi passada no cultivo pacífico da agricultura, sem jamais

buscar trabalho naquelas vagas mais braçais que parecem ser especialmente reservadas aos filhos da África. Além de nos dar uma educação superior àquela destinada a crianças da nossa condição, ele adquiriu, graças à sua diligência e economia, uma qualificação proprietária suficiente para lhe garantir o direito ao voto. Costumava contar para nós de sua vida pregressa; e, embora em todos os momentos acalentando os mais ternos sentimentos de gentileza e até mesmo de afeição para com a família em cuja casa servira, ainda assim mencionou o sistema da Escravidão e ponderou com amargura sobre a degradação de sua raça. Ele se esforçava para imbuir nossa mente de sentimentos de moralidade e para nos ensinar a dedicar confiança e fé Naquele que olha para os mais humildes assim como para as mais elevadas criaturas. Quão frequentemente desde esses tempos não me ocorreu a lembrança de seus conselhos paternais, quando eu me encontrava em cabanas de escravos nas regiões distantes e deletérias da Louisiana, amargurando-me com as feridas imerecidas que um senhor desumano me infligira e desejando apenas que o túmulo que cobrira meu pai também me protegesse da chibata do opressor. No pátio da igreja de Sandy Hill, uma singela pedra marca o lugar onde ele repousa, depois de ter devidamente desempenhado as tarefas pertencentes à esfera mundana na qual Deus lhe mandara caminhar.

Até esse período eu me dedicara principalmente às li-des da fazenda, com meu pai. As horas de descanso que me eram permitidas costumavam ser empregadas ou em meus livros, ou tocando o violino — um divertimento que era a paixão da minha juventude. Também foi desde então uma fonte de consolo, fornecendo prazer às criaturas simples que partilhavam do meu quinhão e aliviando meus próprios pensamentos durante muitas horas da dolorosa contemplação de meu destino.

No dia de Natal do ano de 1829, casei-me com Anne Hampton, uma moça de cor que morava então nos arredo-

res de nossa residência. A cerimônia foi realizada em Fort Edward, pelo cavalheiro Timothy Eddy, um magistrado e cidadão proeminente dessa cidade. Ela morara durante bastante tempo em Sandy Hill, com o sr. Baird, proprietário da Eagle Tavern, e também com a família do reverendo Alexander Proudfit, de Salem. Este cavalheiro havia presidido durante muitos anos a Sociedade Presbiteriana da localidade e era conhecido amplamente por sua cultura e piedade. Anne ainda guarda lembranças felizes da extrema gentileza e dos excelentes conselhos desse bom homem. Ela não consegue determinar com exatidão sua linhagem, mas o sangue de três raças se mistura em suas veias. É difícil dizer se o que predomina é o vermelho, o branco ou o preto. A união dos três, porém, em sua origem, lhe deu uma aparência singular, porém bela, como é difícil encontrar. Embora semelhante em aparência, ela não pode ser considerada uma quadrarona, classe à qual, deixei de mencionar, pertencia minha mãe.

Eu havia recentemente chegado ao período de minha maioridade, tendo completado vinte e um anos no mês de julho anterior. Sem os conselhos e o auxílio de meu pai, com uma mulher dependendo de mim para seu sustento, resolvi me lançar numa vida fabril; e, apesar do obstáculo da cor e da consciência de minha classe baixa, entreguei-me a agradáveis sonhos de bons tempos por vir, quando a posse de uma humilde habitação, cercada por alguns acres, recompensaria meus esforços e me proporcionaria felicidade e conforto.

Desde a época de meu casamento até o dia de hoje, o amor que dediquei à minha mulher foi sincero e constante; e apenas aqueles que sentiram a perene afeição que um pai tem por sua cria podem entender meu afeto pelas amadas crianças que nasceram de nossa união. Isso julgo apropriado e necessário dizer, para que aqueles que leem estas páginas possam compreender a pungência dos sofrimentos que fui fadado a suportar.

Imediatamente após nosso casamento passamos a residir na velha casa amarela que ficava na extremidade sul da aldeia de Fort Edward e que desde então foi transformada em uma mansão moderna e recentemente ocupada pelo capitão Lathrop. É conhecida como Fort House. Nessa casa em algum momento se organizou a Corte de Justiça, depois da instituição do condado. Também foi ocupada por Burgoyne em 1777, já que se situava perto do velho forte na margem esquerda do rio Hudson.

Durante o inverno eu era empregado, junto com outros, na reparação do canal Champlain, na seção cujo superintendente era William van Nortwick. David McEachron tinha a responsabilidade imediata sobre os homens em cuja companhia eu trabalhava. Quando o canal foi aberto, na primavera, pude, com a economia de meus vencimentos, comprar dois cavalos e algumas coisas necessárias ao negócio da navegação.

Tendo contratado vários trabalhadores eficientes para me ajudar, obtive contratos para o transporte de grandes jangadas de madeira do lago Champlain até Troy. Dyer Beckwith e um tal sr. Bartemy, de Whitehall, me acompanharam em várias viagens. Durante a temporada me tornei totalmente familiarizado com a arte e os mistérios das jangadas — conhecimento que mais tarde me permitiu prestar serviços rentáveis a um senhor valoroso e surpreender os singelos madeireiros às margens de Bayou Boeuf.

Em uma das viagens em que desci o lago Champlain fui induzido a visitar o Canadá. Dirigindo-me para Montreal, fui à catedral e a outros lugares de interesse nessa cidade, de onde segui viagem para Kingston e outras cidadezinhas, obtendo informações sobre localidades, o que também me foi útil mais tarde, conforme se verá ao final desta narrativa.

Tendo cumprido meus compromissos no canal de forma satisfatória para mim e para meu empregador e não desejando permanecer ocioso agora que a navegação do canal fora mais uma vez suspensa, comecei outro trabalho

com Medad Gunn, para cortar uma grande quantidade de madeira. A esse negócio me dediquei durante o inverno de 1831-2.

Com o retorno da primavera, Anne e eu fizemos planos de cuidar de uma fazenda nas redondezas. Eu fora acostumado, desde a mais tenra idade, às lides rurais, e era essa uma ocupação de meu gosto. Assim negociei parte da velha fazenda Alden, na qual meu pai residira. Com uma vaca, um porco, uma canga de belas reses que eu recentemente comprara de Lewis Brown, em Hartford, e outros pertences e objetos pessoais, prosseguimos para nosso novo lar em Kingsbury. Naquele ano plantei vinte e cinco acres de milho, semeei vastos campos de aveia e me pus a cultivar a terra na escala que minhas possibilidades permitiam. Anne era diligente quanto aos afazeres domésticos, enquanto eu trabalhava com afinco no campo.

Continuamos a residir nesse local até 1834. No inverno eu recebia muitos convites para tocar violino. Onde quer que os jovens se reunissem para dançar, eu quase sempre estava lá. Meu violino era célebre pelas aldeias das redondezas. Anne, também, durante o longo tempo em que morara na Eagle Tavern, se tornara bastante conhecida como cozinheira. Durante as semanas de sessões na Corte de Justiça e em eventos públicos, ela era contratada a peso de ouro na cozinha da Sherrill's Coffee House.

Sempre voltávamos para casa desses trabalhos com dinheiro no bolso; de forma que, tocando violino, cozinhando e cultivando a terra, logo nos vimos com posses abundantes e, mais ainda, levando uma vida próspera e feliz. Bem, assim teria sido se houvessemos permanecido na fazenda em Kingsbury; mas chegou a hora em que o próximo passo deveria ser dado na direção do cruel destino que me aguardava.

Em março de 1834, nos mudamos para Saratoga Springs. Ocupamos uma casa que pertencia a Daniel O'Brien, no lado norte da rua Washington. Naquela época Isaac Taylor

mantinha uma grande pensão, conhecida como Washington Hall, na extremidade norte da Broadway. Ele me contratou para conduzir um arado, com o qual trabalhei para ele durante dois anos. Depois disso meus serviços eram no geral empregados na temporada de visitas, assim como os de Anne, no United States Hotel e em outros estabelecimentos públicos do lugar. No inverno eu contava com meu violino, embora tenha trabalhado duro por vários dias durante a construção das ferrovias de Troy e Saratoga.

Eu tinha o hábito, em Saratoga, de comprar artigos necessários para a minha família nas lojas do sr. Cephas Parker e do sr. William Perry, cavalheiros em relação aos quais, em função de vários atos de bondade, eu tinha sentimentos de muito apreço. Foi por essa razão que, doze anos mais tarde, decidi endereçar a eles a carta, inserida mais adiante, que, nas mãos do sr. Northup, conseguiu minha libertação.

Quando morávamos no United States Hotel, eu frequentemente encontrava escravos que haviam acompanhado seus senhores desde o Sul. Estavam sempre bem vestidos e bem cuidados, levando o que parecia ser uma vida fácil, com poucos problemas a importuná-los. Muitas vezes conversaram comigo sobre a Escravidão. Parecia-me que quase todos eles acalentavam um desejo secreto de liberdade. Alguns expressavam a mais ardente vontade de fugir e me perguntavam o melhor método de fazê-lo. O medo da punição, porém, que eles sabiam que os esperava quando de sua recaptura e retorno, bastava para demovê-los da experiência. Tendo durante toda a minha vida respirado o ar livre do Norte e consciente de que eu tinha os mesmos sentimentos e afeições que encontram lugar no peito de um homem branco, consciente, além disso, de ter uma inteligência igual à de pelo menos muitos homens de pele mais clara, eu era ignorante demais, talvez independente demais, para entender como alguém poderia se contentar em viver na condição abjeta

de escravo. Não conseguia entender a moral da lei, ou da religião, que sustenta e reconhece o princípio da Escravidão; nem mesmo uma única vez, regozijo-me em dizer, deixei de aconselhar qualquer um que viesse a mim a procurar uma oportunidade e se lançar à liberdade.

Continuei a residir em Saratoga até a primavera de 1841. A agradável expectativa de uma tranquila casa de fazenda, no lado leste do rio Hudson, que sete anos antes nos seduzira não se concretizara. Embora sempre em circunstâncias confortáveis, não havíamos prosperado. A sociedade e as amizades daquele local mundialmente conhecido por suas águas não haviam sido calculadas para preservar os hábitos simples de engenho e economia com os quais eu estava acostumado — estes eram substituídos por outros que tendiam à instabilidade e à extravagância.

A essa altura éramos pais de três crianças — Elizabeth, Margaret e Alonzo. Elizabeth, a mais velha, estava com dez anos; Margaret era dois anos mais jovem; e o pequeno Alonzo tinha acabado de completar seu quinto aniversário. Eles enchiam nossa casa de alegria. Suas vozes jovens eram música para nossos ouvidos. Muitos castelos de ar a mãe deles e eu construímos para os pequenos inocentes. Quando não estava trabalhando, eu estava caminhando com eles, vestidos nas melhores roupas, pelas ruas e pelos bosques de Saratoga. A presença das crianças era um deleite para mim, e eu as apertava contra meu peito com um amor tão cálido e afetuoso como se suas peles fossem brancas como a neve.

Até este momento a história da minha vida não apresenta nada de incomum — nada além das costumeiras esperanças, amores e trabalhos de um obscuro homem de cor trilhando um humilde caminho no mundo. Mas agora eu chegara a um ponto de virada na minha existência — ao limiar de uma maldade, de uma tristeza e de um desespero insuportáveis. Chegara à sombra da nuvem, entrara na espessa escuridão na qual eu não tardaria

em desaparecer, para dali para a frente ser escondido dos olhos de meus iguais e privado da doce luz da liberdade por muitos e cansativos anos.